

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v14i33.4408>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



**VALERA, LUCA. *ESPEJOS. FILOSOFÍA Y NUEVAS TECNOLOGÍAS*.
BARCELONA: HERDER EDITORIAL, 2022.**

Jelson R. Oliveira
PUCPR

O mais recente livro do filósofo italiano e professor da Universidad de Valladolid e da Pontificia Universidad Católica de Chile, Luca Valera, publicado em espanhol pela renomada casa Herder Editorial, é uma obra obrigatória para todos os que se interessam pela relação entre filosofia e tecnologia. O texto, além de bem escrito e didático (o que torna a leitura aprazível e instigante), está amparado em uma ampla e mais do que satisfatória bibliografia de apoio, que inclui tanto o que há de mais “clássico” no assunto quanto o que existe de mais atual e recente. Misturam-se ao longo do texto e nas notas de rodapé, autores como Jonas, Winner, Sandel, Ihde, Kroes, Verbeek, Serres, Heidegger, Feenberg, Ortega y Gasset, Fabris, Mitcham, McLuhan e tantos outros. O livro, já pelo título e pela abordagem que ele propõe, exerce sobre o leitor um fascínio inicial que impede reiteradamente o adiamento ou a paralização da leitura e remete à experiência sedutora que a metáfora do espelho evoca: ninguém quer sair de frente dele.

É precisamente assim, como metáfora, que o espelho se torna absolutamente útil para o passeio teórico que Luca nos convida a fazer pelas novas tecnologias, um passeio que é realizado tanto a partir de uma reflexão sobre o que são as tecnologias (definidas como um *Meio* e não apenas como *meios*), detentoras de um *logos* próprio que articula tanto o *Tecno* quanto o *Ethos* no nível epistemológico, ético e das responsabilidades. Esse é o tema do primeiro capítulo, que oferece ao leitor um terreno sobre o qual caminhar de forma segura, a fim de compreender os problemas imbricados na relação entre a tecnologia e o modo de ser da humanidade contemporânea. A filosofia, nesse caso, é um salto para dentro do espelho (metáfora que Valera traz de Carroll): à filosofia cabe adentrar esse horizonte *outro* que promove tanto a duplicação, quanto a modificação e a transformação do real. Uma das teses central do livro, segundo as palavras do próprio autor, é a de que “as tecnologias, sendo um espelho de nossa humanidade, refletem a exigência de redescobrir nossa essência, características e dimensões” (p. 16). Isso porque, diante do espelho, trata-se sempre de perguntar *quem somos* – embora deva-se sempre desconfiar da resposta. A relação entre o tecnológico, o artificial e o natural passam a primeiro plano no olhar de Valera, demonstrando que, como espelhos, as tecnologias estão profundamente imbricadas na questão do humano e sua relação com o mundo ao redor.

A partir desse primeiro olhar, Valera desenvolve a sua tese a partir de cinco perspectivas derivadas da compreensão do espelho como metáfora para a compreensão da tecnologia: *duplicar*, *transparecer*, *modificar*, *aproximar* e *refletir* (reflexionar).

1. DUPLICAR

O segundo capítulo do livro de Valera inaugura a instigante reflexão inspirada pela metáfora do espelho. Para o autor, não se trata de uma exacerbação do próprio símbolo, mas de uma utilização dele para analisar os potenciais da tecnologia. Por isso, o primeiro mito a ser estudado está ligado àquilo que Luca trata como sendo um dos potenciais da tecnologia – o mito de Narciso: duplicar a realidade, mas sobretudo, ser cativado pela contemplação instantânea de algo que segue alheio a si mesmo: “Assim como a imagem no espelho da água chama atenção de Narciso para sua beleza e familiaridade (...), as novas tecnologias chamam contínua e quotidianamente nossa atenção por seus caracteres próximos da nossa vida” (p. 56). Somos, no fundo, novos Narcisos diante daquela imagem confusa, mas ao mesmo tempo cativante, consumidos pela contemplação e, mais ainda, pela fascinação da imagem. Como sugeriu McLuhan – citado por Valera - a imagem é o narcótico que nos coloca diante da superficialidade de nossa experiência com o mundo. O resultado não é outra coisa que algo próprio da tecnologia: a inquietude, que tem a ver com o temor (segundo Hans Jonas), mas também com a maravilha e a surpresa diante da superficialidade do real que é projetado sobre nós, causando uma espécie de “satisfação amorosa” (p. 58) própria de Narciso. Isso significa que as novas tecnologias são atrativas porque prometem bem-estar: aqui Valera cita Verbeek para lembrar que “a tecnologia não é uma questão do ‘ser’ dos humanos, senão de seu ‘bem estar” (p. 59). Valera nos lembra, aliás, que isso também aparece na *Meditação sobre a Técnica*, de Ortega y Gasset: “vida significa para ele [o homem] não apenas estar, mas bem estar” e esta é a “necessidade das necessidades” que a tecnologia tem a pretensão de satisfazer. Diferente de Narciso contudo, o homem contemporâneo vive na constante insatisfação de seu desejo, de modo que muitas vezes, a tecnologia chega mesmo a adiantar tal desejo, “suprimindo efetivamente o prazo de tempo indispensável para o ritmo da vida, [pois] entre o desejo e a sua satisfação já não existe a duração necessária para a escolha e o exame reais” (algo que se encontra em Ellul e também Jonas). Valera nos lembra, por isso, que a relação com a tecnologia tem sido além de superficial, também imediata, levando à anulação da capacidade crítica de lidar com ela, dada a imediatez de sua aplicação e difusão.

Outra perspectiva analisada por Valera é a possibilidade própria do espelho de criar o duplo, ou seja, de duplicar o sujeito ou mesmo o objeto que ele mesmo espelha. Trata-se de uma recriação da realidade por meio de um processo de objetivação: o espelho “mede, calcula, traça, desenha, junta e assim sucessivamente” (p. 62). A tecnologia portanto, em seus dispositivos, recria o real por meio de um poder objetivante, de forma que o que é duplicado é primeiro conhecido; ou ainda, que o conhecido, ou seja, o original, pode ser duplicado porque, precisamente, foi primeiro conhecido. O espelho, portanto, é uma espécie de prolongação ou de “prótese técnica” (p. 63) que permite ver o que não está totalmente visível ao olho. Ele tem, em outras palavras, uma “dimensão de desvelamento ou abertura de mundo” própria também da tecnologia, que deixa ver mais do que o que estava visível, desvela o que antes não era conhecido. Dessa forma, se a tecnologia promove a criação de um ser idêntico espelhado como um duplo, ela também possibilita o reconhecimento de novas características do ser que ela mesmo espelha. No primeiro caso, Luca analisa os *clones* (engenharia genética); no segundo, os *avatares*. Para ele, Dolly, o primeiro animal clonado, é exemplo da capacidade de duplicação: “ela é o espelho” (p. 64). Saímos portanto, da lógica da produção, para entrar na lógica da reprodução. Assim como no caso do espelho, também aqui entra em xeque a ideia de tempo, que passa ser dominado pelo instante: clonar um ser vivo é, sobretudo, além de negar sua identidade, também negar a sua relação temporal com o mundo. Além disso, ao negar a ideia de que cada indivíduo é único e individual, a clonagem também elimina a ideia de autonomia, na medida em que colapsa a própria ideia relação entre o original e a cópia: “pode a imagem do espelho ser independente do ser que nele se espelha?” (p. 71). Isso Segundo, Valera, nos levaria ao problema da dignidade humana, que está diretamente ligada à ideia de “casualidade da origem” (p. 73), na medida em que também coloca em risco o mesmo da vida em geral e da humana em particular. Agora é preciso se perguntar qual vida vale mais,

afinal: a do original ou a do clone? Ou, mais ainda, quando pensamos no uso de clones como reserva para o transplante de órgãos: “o fato de esse *ser* produzido não seja concebido como um fim em si, muda o seu valor?” (p. 75).

Levando-se em conta que a clonagem ainda é apenas uma hipótese, na medida em que é legalmente e eticamente proibida na maior parte dos países, a duplicação do ser humano só poderia ser uma “operação exclusivamente virtual” (p. 76). Valera então analisa a criação dos *avatares*, considerados por ele como uma “representação virtual do humano” por meio da virtualização. O *avatar* é uma espécie de “sujeito artificial”, um modo de se apresentar na internet, de existir nesse mundo virtual, buscando aquilo que Valera chama de “olhar digital” (*digital gaze*): fabricar uma versão de si para ser vista pelo outro, fazer de si mesmo a imagem no espelho. Todo avatar é uma cópia dos meus desejos sobre mim mesmo projetados para o olhar do outro. No limite, trata-se sempre de uma representação e de uma “máscara virtual” (p. 79). Valera chama atenção para o modo de ser desse mundo virtual, sobre o modo como se experimenta a noção de corpo e, ele se pergunta, inspirado em Serres, se “podemos morar nessas virtualidades”, ou seja, se o avatar é um outro modo de habitação. Se esse for o caso, não precisaríamos repensar a noção mesmo de habitação ao tempo em que também repensamos a noção de corpo? Essa é a primeira ambivalência analisada por Valera. A segunda tem a ver com o lugar: o avatar abre possibilidades de *estar aqui* e ao mesmo tempo *estar ali*, entre o mundo físico e o mundo do cyberspaço. Para ele, seria necessário fazer uma distinção entre a ideia de localização e de presença, sendo a primeira o lugar físico onde estou, e a segunda o lugar virtual aonde posso estar. É o que se resume no conceito de “infosfera”: uma nova realidade que é ao mesmo tempo “sincronizada, deslocalizada e correlacionada”, segundo os conceitos de Luciano Floridi recuperados por Valera. O mesmo eu, nesse caso, encontra-se duplicado em dois espaços, duas percepções e dois tempos diferentes: é isso o que se poderia chamar de “virtualização do eu” (p. 85) e essa vida “*onlife*” seria a “primeiríssima fase da vida digital da humanidade” (p. 86).

2. TRANSPARECER

Essa é outra função do espelho analisada por Luca Valera: tornar tudo visível, abrir uma porta entre dois mundos, transparecer. Isso está relacionado, por exemplo, à crença de que a tecnologia pode favorecer uma maior participação na vida democrática de um país. Ocorre que a internet seria um instrumento de participação, mas também de controle: ao mesmo tempo em que deveríamos reconhecer que as tecnologias podem contribuir para desvelar os meandros e as engrenagens mais íntimas da chamada “máquina política”, chegando a uma transparência quase total (p. 92), elas também criam novos poderes – não raros invisíveis. Essa “sociedade da transparência” (Luca se refere aqui às teses de Byung-Chul Han), torna tudo disponível, acessível, conhecível. Para Han, tornar transparente é, por isso, submeter a realidade ao cálculo, à direção e ao controle, na forma de um nivelamento que torna tudo disponível. O resultado é uma sociedade sem profundidade “dominada pela obsessão do presente e do espaço sem fronteiras, do ‘sempre-atual’ e do ‘sempre-aqui’” (p. 93). Ao tornar tudo disponível, as tecnologias também tornaram tudo superficial. Para Valera, o resultado disso é uma crise da própria ética, já que se perde o tempo exigido para refletir sobre as mudanças que ocorrem de forma tão rápida. A sociedade sem profundidade é também a sociedade sem reflexão e, portanto uma sociedade sem ética, porque sem tempo para uma avaliação ética dos eventos promovidos pela tecnologia. Para Valera, o aparecimento das *Fake News* e da pós verdade, da manipulação de informações e das psicoses coletivas que marcam a nossa época, tem a ver com essa crise do tempo da reflexão. A difusão massiva e apressada de informações leva ao esgotamento da capacidade crítica e da anulação do tempo necessário para a sua digestão e, portanto, a uma crise da ética e da política. A informação, amplamente difundida, parece infinita, cumulativa e aberta, perdendo sua neutralidade, de maneira que o ganho em horizontalidade levou a uma perda substantiva em termos de

profundidade. O resultado é que a cultura de *likes* levou a uma crise da autoridade: bons argumentos são valorizados na medida em que contém um número maior de seguidores e não por seu próprio mérito de relação com a verdade. Em outras palavras, não é a veracidade da informação mas a sua popularidade que interessa e isso passou a ser agravado pelo fenômeno da eliminação do intermediário, ou seja, da “desintermediação”: o que vemos, o que compramos e o que decidimos passa por um filtro desconhecido, escondido sob o manto de uma pretensa neutralidade que faz da internet um espaço de homologação de opiniões descabidas e no geral incompetentes, na medida em que dispensa habilidades epistêmicas e recusa a autoridade do saber. Ocorre que os novos mediadores se tornaram, na verdade, invisíveis, atualizando a forma de um controle enigmático que filtra todas as informações. A metáfora para isso é a *bolha*, que “protege, separe e limita, sem que o usuário perceba sua efetiva presença” (p. 97). Tudo isso prova que, ao contrário do que se pensava, a internet não é um espaço aberto e livre, mas que navegamos limitados pelas indicações dessas autoridades invisíveis.

Ora, com uma *bolha* constrói, além disso, por meio dos filtros, uma imagem do usuário, ela cria um “feito espelho” criado a partir de um reflexo, mesmo que inconsciente, do usuário. Por isso, para Valera, “as tecnologias produzem um mundo no qual nos espelhamos, quer dizer, o mundo moldado à nossa imagem e semelhança” (p. 98), na medida em que tal mundo é moldado a partir das informações que nós mesmos entregamos por meio do uso que fazemos da *web*. Em outras palavras, é um mundo que depende da nossa presença on-line, das nossas buscas, cliques, interesses, opiniões e desejos. A entrega voluntária dos dados é, por isso, um dos grandes desafios éticos desse cenário, agravado pela consideração de que vivemos numa “sociedade da gravação” (p. 99), na qual entregamos os dados ficam armazenados e disponibilizados para a manipulação dos algoritmos: tudo está arquivado para uso futuro, enquanto, inversamente, nós mesmos esquecemos – dado o excesso de informação – do que depositamos nesses espaços – embora isso permaneça arquivado e disponível para a manipulação de nós mesmos. O que está em jogo, no fundo, é a relação entre comunicação e informação, sendo a primeira compreendida como a criação de espaços de comunidade, de participação e de troca, enquanto a informação é uma relação unilateral na qual se apreende algo do exterior – por isso se fala da transferência de informação: transmitir para o outro, desde fora, o que se tem. É isso que faria da nossa não uma sociedade da comunicação, mas, da informação, na medida em que o excesso de informação tem levado a cada vez menos comunicação. Se a informação é rápida, a comunicação demanda tempo de maturação.

Em outras palavras, também aqui a pretensa transparência não nos leva a nenhuma abertura para o verdadeiro sentido das coisas. A transparência não gera mais clareza assim como a informação não gera mais verdade. A era da hiperinformação é também a era da crise da verdade, fazendo com que a ideia da transparência seja uma ideologia que pretende legitimar a informação e ganhar a confiança de quem a recebe. Valera nota muito bem como relações de confiança não são, necessariamente, relações transparentes: para ele, a requisição de transparência absoluta só existe quando o informante “perde seu poder como autoridade e, ao mesmo tempo, o receptor deixa de assegurar-lhe sua confiança” (p. 107). Por isso, o fracasso da autoridade “se reflete na necessidade de transparência a todo custo, na nudez dos dados” (p. 107); de forma que isso levaria a mais controle e mais vigilância, no sentido de que é preciso sempre verificar se as informações repassadas são certas. Em outras palavras, tem alguém sempre vigiando e gerindo as informações. Esse é o poder das *Big Data* ou *Big Tech* que agem usando nossas informações, invadindo nossa privacidade e, com isso, orientando nossos pensamentos e atitudes. O que é lícito fazer com esses dados é ainda uma pergunta ética a ser resolvida. Frente a essa vigilância, estamos todos desnudos e nossos corpos disponíveis de várias formas, demonstrando que existe uma falta de distância entre o público e o privado. Sem essa distância, entra em crise a ideia de decoro: vive-se então a “erosão das distâncias mentais, de forma que a ‘mentalidade do digital’ é prejudicial para o respeito”. Ou seja, a

falta de distância acaba gerando uma exposição pornográfica da intimidade e uma crise geral das relações de respeito que devem orientar a vida pública. A nudez se torna pornografia na mesma proporção como a comunicação gera ódio e violência. Em resumo, como espelho, essas tecnologias acabam por gerar a transparência que recorta e faz escolhas de perspectivas que podem e que não podem ser mostradas, o que faz com que mostrar ostensivamente seja também ocultar. E o que se encobre, senão o lado mais vulnerável de nossa existência? Como encontrar um lugar no qual se pudesse esconder (preservar) dessa transparência completa? Não seria precisamente o recorte (a máscara) uma forma de esconderijo e, previamente, de proteção?

Tudo isso nos levaria, afinal, a uma sociedade sem “potência criadora” (p. 122) ou seja, a uma sociedade da morte, na qual tudo está visível de forma que não é preciso nenhum esforço para ir além do que se mostra. A preguiça do pensar leva à crise do senso crítico: a sociedade da transparência é uma sociedade morta, já que o vivo se caracteriza por seu “dinamismo, complexidade e estruturação em distintos níveis” (p. 122). “Só o morto é totalmente transparente”, lembra Valera, acompanhando Byung-Chul Han: na era da transparência, não há mais nenhuma novidade nos acontecimentos; tudo é já é sabido, tudo está transparente, mostrado e ostentado. Essa é a era da esterilidade.

3. MODIFICAR

Dado que “os espelhos não apenas espelham, eles também modificam” (p. 125), assim também as tecnologias guardam um imenso potencial de modificar a imagem do ser humano. Isso geralmente envolve a pretensão de perfeição mas também o risco da deformação, uma ambiguidade que é própria da tecnologia. Valera nos lembra que o Narciso moderno é aquele que não quer se ver no espelho por medo da imperfeição - ele quer um espelho que o modifique, ou melhor, que o melhore. Ora, até agora, a humanidade compreendeu que ser perfeito é aproximar-se de Deus, ser como Ele. E é esse o dilema trazido pelo *Enhancement Project* e pelo Transumanismo, considerados como parte da busca pela perfeição humana: se tal perfeição implica uma ausência completa de falhas, então é necessário perguntar se podemos alcançar a perfeição dado que “a natureza mesma do corpo (por exemplo) é a imperfeição”, algo que nos distancia definitivamente da ideia de perfeição como semelhança com a divindade. Mas é essa, contudo, que continua sendo a meta dos projetos de melhoramento do ser humano: trata-se, contudo, de decidir e determinar o que seria uma humanidade perfeita. Para isso, é preciso perguntar qual é o modelo que deve ser buscado, pois o problema da perfeição está ligado ao problema do modelo, dado que ser perfeito é estar em conformidade com algum modelo previamente escolhido. Até agora esse modelo tem sido a divindade: “o ser humano se concebeu quase sempre como um ser que aspira a converter-se em Deus” (p. 140). O problema, para Valera, é que os modelos atuais são inalcançáveis: são extrínsecos (referência a ideais que não levam em conta a constituição do ser humano enquanto tal), globalizados (não universais, porque vinculados a desejos de alguns que dão as regras, segundo determinados interesses econômicos; modelos globalizados são modelos de elite - quem pode pagar por essa tecnologia), irrealis (moldados segundo procedimentos que não podem ser aplicados sobre os corpos reais; seguem a lógica invertida de adequar o real ao virtual) e dependem da lógica da tecnologia (que fabrica sempre de novo novos modelos aos quais se deve adequar). Dessa situação - os modelos são inalcançáveis - surge a inquietação. Diante do espelho, a humanidade se torna inquieta precisamente porque o modelo de perfeição é inadequado.

4. APROXIMAR

Para Valera, os modelos se tornam mais perigosos quando eles se aproximam daquilo que parece inalcançável. O espelho tem esse poder: aproximar o real do ideal e, mais ainda, tornar o ideal parte radical do real e, sendo assim, logo se chega à pergunta:

“se sou capaz de reproduzir exatamente algo que já existe, por que não deveria melhorar esse mesmo produto, e assim declarar como obsoleto o modelo original?” (p. 151). Os espelhos podem, afinal, por meio das tecnologias, aproximar-se dessa maneira do ser humano? Em outras palavras, trata-se de analisar como os espelhos copiam características humanas ou, melhor, como os produtos tecnológicos o fazem na forma dos *robôs*, por exemplo. Trata-se de perguntar então, o que são as séries de novos robôs que passam a entrar de forma massiva em nossas vidas? Devem eles parecer conosco? Devem ser um espelho exato de nós? Em que isso nos afetaria? Valera nos lembra que uma demasiada proximidade entre a aparência de robôs e seres humanos, acabaria por gerar uma situação de inquietação quanto à autodefinição do ser humano: o robô, sendo muito parecido com o humano, ameaça a nossa obsolescência, no sentido da possibilidade de que as máquinas no superem e nos tornam inúteis. Isso causa uma espécie de terror: diante do espelho duplo de si mesmo na forma de um robô, o ser humano é questionado a respeito de quem ele quer ser. Valera analisa esse fenômeno por meio da metáfora do “vale inquietante” (*uncanny valley*), de Masahiro Mori (p. 156).

Tal situação se agrava ainda mais quando um robô não apenas se parece com um ser humano, mas está também capacitado para imitar o reproduzir ações humanas, ou seja, para agir como um deles. Aqui o que está em jogo é a ameaça da nossa autodefinição e mesmo a nossa sobrevivência. Nesse ponto, mesmo antes que o *ChatGPT* se popularizasse entre nós, Valera cita o seu uso como um tipo de inquietação provocado pela proximidade da inteligência artificial com a inteligência humana: seria assustador reconhecer que as máquinas são capazes de expressar opiniões e agir tal como seres humanos o fazem. E se eles pudessem, também, tomar decisões autônomas e escolher os rumos de suas próprias ações? Não seria esse o caso da *MIT Media Lab* e sua *Moral Machine*, usada no caso dos veículos autônomos, como se vê no *Trolley problem?*, pergunta Valera. Onde estaria a responsabilidade do agente, afinal? Quais são os critérios éticos que podem orientar a decisão nesse tipo de situação, que envolve a decisão de um automóvel não dirigido? Para Valera, agir moralmente seria mais do que simplesmente aplicar normas, critérios ou princípios pré-estabelecidos, como é o caso das máquinas. Agir moralmente não envolve também, pergunta o autor, dimensões como “a criatividade, a intuição, as emoções” (p. 170)? Em outras palavras, tratar-se-ia de perguntar: “a ética é computável?” (p. 170), as máquinas são (ou podem ser) agentes morais - ou, mais especificamente, “agentes morais plenos” (segundo a distinção sugerida por J. H. Moor e retomada por Valera? A questão que se coloca é sobre como podemos conviver com esses robôs e suas funções, sobre como podemos nos relacionar adequadamente (comodamente) com eles. Isso passaria pela necessária resposta à pergunta: o que exatamente nos torna humanos? Essa é uma questão, segundo Valera, que está ligada precisamente ao movimento transumanista analisado e à chamada hibridização entre a biologia humana e as novas tecnologias.

5. REFLETIR E REFLEXIONAR

O sétimo e último capítulo do livro parte de uma retomada dos próprios objetivos da obra: “a ideia que sustenta este texto é que não tem sentido perguntar sobre o uso das novas tecnologias - correto não correto, bom ou mau - se não se entendeu qual é a essência dos mesmos meios (que de repente se transformam em Meios) e a sua relevância antropológica” (p. 186). Em outras palavras, para Valera, antes das questões éticas, é preciso perguntar-se sobre como se usam os objetos tecnológicos e o que eles são enquanto tais. O livro por isso, pretende oferecer “um paradigma interpretativo que permite entender algo mais sobre a estrutura ontológica e sobre a relação que as novas tecnologias mantêm com o próprio ser humano” (p. 186). Essas seriam questões que antecedem aquelas que surgem no campo da ética: antes de avaliar, portanto, é preciso compreender. E esse é o objetivo do livro - algo que foi, no meu ponto de vista, brilhantemente alcançado,

na medida em que a metáfora do espelho é meio eficaz de encontrar respostas para esses problemas.

Com seu livro, Luca Valera nos mostra que, no fim, diante dos espelhos, é sempre o ser humano e suas relações com o mundo que estão em jogo, sendo refletidas, modificadas, aproximadas etc. Quem se vê, deve perguntar, antes, qual é a imagem real daquilo que é visto. Isso significa que, no fundo, a questão diz respeito à relação do ser humano com o seu ambiente, porque, como sugere a pergunta de Deus ao homem no livro do Gênesis (“onde estás”), é preciso entender que a identidade do sujeito “não se pode separar nunca da questão sobre qual é a sua posição no mundo, sobre o lugar desde onde ele pensa e age no mundo (p. 190). “Onde estás?” é uma pergunta que ganha um novo sentido quando pensada do ponto de vista tecnológico: um exemplo utilizado por Valera é o do telefone móvel, cuja mobilidade introduz inúmeras mudanças nas nossas vidas, principalmente no que diz respeito à relação entre *localização* e *individualização*: “onde está o smartphone aí está também o ser humano” (p. 193). É por meio desse dispositivo que se *encontra* (se deixa encontrar) o homem no meio do universo tecnológico, que inclui todos os mundos virtuais que esse mesmo dispositivo abre, promete e projeta, como espelho virtual do mundo. Com o telefone na mão, passamos informações sobre quem somos, onde vamos, nossos gostos, desejos e interesses. Dados que permanecem registrados numa espécie de arquivo que embrulha toda a nossa existência, que passa a ser dirigida por alguma força invisível que se aproveita da entrega voluntária dos nossos dados para orientar as nossas condutas e desenhar o nosso futuro. Quais são os donos desses informações? Quais os poderes que se beneficiam delas? Tudo isso está em aberto. Os telefones, afinal, projetam uma nova versão da *mobilização total*, conforme o livro de Maurizio Ferraris: nossa biografia está na nuvem.

Valera lembra que a cibernética, nesse caso, mantém íntima relação como a ecologia, também partir da afirmação de que “tudo está conectado com tudo o resto” (p. 194) ou ainda, *Tudo em todo lugar o tempo todo*, como sugere o título do filme de Daniel Kwan e Daniel Scheinert. Com a tecnologia, nunca estamos separados das demais circunstâncias que forma mundo. Trata-se de uma forma nova de atualização do dístico de Ortega y Gasset, segundo o qual “eu sou eu e minhas circunstâncias”, ou seja, somos um campo relacional total, na medida em que dizer que tudo está conectado é dizer que tudo é uma soma de concatenação recíproca, de interdependência. E nesse caso, os telefones celulares são formas de interatuação constante, que nos conectam sem fio a um mundo virtual 24/7, vinte quatro horas, sete dias por semana, fazendo-nos disponíveis cem por cento do tempo. Quem não está disponível, fica sob suspeita: “o que você estava fazendo que não atendeu a minha ligação?”. Os dispositivos tecnológicos desse tipo nos colocam no ecossistema de interdependência, cuja lei é conectar tudo o tempo todo em todo lugar. Essa hiperconectividade seria, para Valera, a experiência suprema do nosso século, no qual o cotidiano é marcado pelas interações tecnológicas. Com o celular, somos capazes de estar em vários lugares, tanto virtualmente quanto fisicamente, porque ele nos possibilitar estar “contemporaneamente presentes em lugares distintos, com corpos distintos” (p. 198), o tempo todo. O telefone móvel, por isso, produz uma mudança contínua em nosso modo de ser.

Luca termina seu livro analisando o problema da obsolescência do ser humano, ou do chamado fim da humanidade. Para ele, seria necessário observar a obsolescência programada das novas tecnologias para analisar esse problema do ponto de vista humano ou, ainda, para aprender o que pode acontecer com o ser humano. Seria o ser humano, afinal, algo condenado a se tornar obsoleto? Seria o ser humano algo descartável? Dado que a cultura do descarte é um produto da rapidez de mudanças e do próprio sistema produtivo orientado pela via do progresso, no qual tudo é feito para ser substituído e o qual deve ser alimentado continuamente, então o próximo passo seria a descartabilidade do próprio agente humano. A fragilidade e a obsolescência programada devem ser entendidos como partes do objeto de consumo: os produtos devem falhar e isso, como sabemos, gera um ciclo fechado do consumo, do descarte e do esgotamento dos recursos

naturais, fazendo com que o avanço tecnológico implique danos irreversíveis ao meio ambiente, danos esses produzidos pela mesma lógica da abundância, na medida em que a natureza já não dá conta de absorver os nossos dejetos. O auge desse cenário é que, enfim, sendo o ser humano também imperfeito segundo a lógica do trans e do pós-humanismo, o homem, afinal, vire ele mesmo um dejetos entre os dejetos, um lixo que deve ser também substituído. Como sugere Bauman, todos somos “vidas desperdiçadas”.

Obviamente, o primeiro a ser descartado é o próprio corpo. E é ele também que será trocado: “o corpo é como uma carga que deve ser abandonada; uma prisão insuperável que condena a subjetividade ao sofrimento, à enfermidade, à degeneração, à senilidade, à vulnerabilidade e à morte”, escreve Roberto Marchesini, citado por Valera (p. 210). A necessidade de autofabricar-se já é prova da sua própria obsolescência do ser humano, cuja manipulação da natureza orgânica é parte de uma insatisfação consigo mesmo. Aquele “mercado da perfeição” (p. 211) acabou por gerar um novo produto também ele descartável, como mais uma prova da insatisfação contemporânea da humanidade consigo mesma. Uma insatisfação que se revela, primeiro, diante da posição segundo a qual “ninguém decide [nada] originariamente sobre si mesmo” (p. 212), porque todas as decisões são tomadas pela natureza. É ela, a natureza, que deve, segundo o trans e o pós-humanismo, ficar sob controle humano. Para isso, o ser humano deve tomar as rédeas de seu próprio desenho, vindo a corrigir a imagem de si mesmo. O espelho, como se vê, é bastante útil também para isso e o livro de Luca Valera, cuja experiência nesses assuntos é enorme, como rapidamente se denota da leitura dessa obra densa e, ao mesmo tempo, agradável, que deve ser lida por todos que se preocupam com os efeitos (utópicos e apocalípticos) da tecnologia sobre as vidas de agora e depois.

Doutor em Filosofia (UFSCar)
Professor do Departamento de Filosofia (PUCPR)
Professor do PPG Filosofia (PUCPR)
Bolsista Pq2/CNPq
E-mail: jelsono@yahoo.com.br